

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS – UNAT  
– BRASIL

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**REJEIÇÃO – FORMAÇÃO, INDÍCIOS E DESFECHO**

ISABEL DE FATIMA FERNANDES

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS

2015

ISABEL DE FATIMA FERNANDES

## **REJEIÇÃO – FORMAÇÃO, INDÍCIOS E DESFECHO**

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais – UNAT – BRASIL como requisito parcial do curso de Pós-Graduação para obtenção do título de especialista em Análise Transacional

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS

2015

## REJEIÇÃO – FORMAÇÃO, INDÍCIOS E DESFECHO.

Isabel de Fátima Fernandes

Faculdade JK/Michelangelo

### RESUMO

Este artigo busca apresentar, como se origina o sentimento de rejeição, considerando sua formação nos primeiros anos de vida. Pontua a amplitude das interpretações que podem ocorrer na mente da criança diante de comunicações verbais e não verbais que são transmitidas à partir de diversas manifestações dos cuidadores. Através da correlação de autores da Psicologia e da Biologia, busca esclarecer e ampliar os conceitos da formação e planejamento de vida, considerando as decisões de forma subjetiva, levando em consideração o ambiente cultural e as diferentes formas de emocionar e interpretar a comunicação. A partir do outro, o sujeito é lançado nesse mundo de significantes e sua posição é definida de acordo com o movimento que ele opera diante de quem o constitui. As reflexões finais centram-se na discussão sobre a influência do vínculo estabelecido entre a mãe e a criança, o modo como o afeto interfere nas relações com o outro.

Palavras-chave: Rejeição, Script de vida, Comunicação, Análise Transacional.

## Introdução

O interesse sobre o tema sentimento de Rejeição surgiu a partir da prática clínica da autora, por vários clientes apresentarem sintomas relacionados ao sentimento de Rejeição. A ideia é aprofundar no tema com o intuito de aperfeiçoar os atendimentos e alcançar resultados satisfatórios de acordo com a necessidade de cada um, possibilitando ao cliente rever suas decisões. Os estudos de Lipton e Maturana contribuem com o assunto, apresentando a formação do campo psíquico por uma visão biológica.

Nossa origem biológica gira em torno de uma ideia de energia de investimento, que é uma força energética que investe de significado as formas de expressões e conteúdos psíquicos (LIPTON,2007). Segundo Maturana (2011) se levarmos em conta os fundamentos emocionais de nossa cultura, seja ela qual for, podemos entender melhor o que fazemos ou não fazemos como seus membros.

Lipton (2007) acredita que não são os genes, mas sim as crenças que controlam a vida do sujeito. Para que haja um processo de crescimento saudável é importante não apenas eliminar os fatores estressantes, mas também vivenciar momentos intensos de alegria, amor e satisfação. Nosso estado de tensão e vigília afeta severamente nossa saúde. As situações estressantes a que estamos expostos em nosso dia-a-dia ativam constantemente nossas defesas, preparando nosso corpo para ação. Como não estamos em competição esportiva, o estresse de toda pressão, medo e preocupação não é liberado. LIPTON (2007) acredita que se nós aprendermos a controlar nossos medos podemos recuperar o controle de nossas vidas. Devido à falta de aceitação e confiança, deparamos com dificuldades em nosso contínuo empenho para controlar a natureza humana. Ser aceito é ser visto no presente de uma interação, não ser visto no presente de uma interação é ser negado (MATURANA 2011).

De acordo com Maturana(1998) existem emoções que são pré-verbais, o amor e a rejeição. A rejeição exerce uma cognição traçada pela separação, pela negação e pela exclusão do outro em relação ao observador. O amor se desenvolve em um ambiente

onde há condutas que aceitam o outro, em sua legitimidade na convivência. O amor e a rejeição não são opostos entre si, a ausência de um não leva ao outro, ambos são opostos à indiferença, ao não posicionamento, que não seria oposição nem adesão. A rejeição nega o convívio, o amor cria a convivência.

Ribas (2004) acredita que a rejeição se dá com base na falta de confiança nas figuras de apego, o sentimento de que o outro não seja uma base segura para a exploração do mundo.

Acredito que toda vez que negamos ou desqualificamos nossas necessidades, ou as necessidades do outro, estamos passando por um processo de rejeição. A superproteção também é uma forma de rejeitar. De acordo com Mellor e Schiff(1980) a pessoa que desqualifica a necessidade do outro, está agindo como que se a imagem do self do outro ou da situação, seja menos importante e significativo do que é na realidade do sujeito.

De acordo com Berne (1988), o ser humano decide seu destino na primeira infância, de acordo com o que se passa dentro de sua cabeça quando confrontado com o que acontece fora dela. O que é chamado pelo mesmo de *Script* de vida. Cada pessoa decide sua própria vida a partir das interpretações das mensagens recebidas externamente e dos sentimentos ocasionados por tais mensagens.

O Objetivo deste trabalho é expor teoricamente como as relações de afeto e vínculo entre a mãe e a criança, interferem na programação do sentimento de Rejeição. Baseado em minha prática clínica, percebo que as queixas relacionadas a sentimentos de Rejeição são recorrentes, por ser um tema que me chama a atenção optei por fazer um estudo teórico sobre o mesmo. O referencial teórico adotado foi a Análise Transacional, fundamentado em emoções e sentimentos, por meio do qual sustento meus atendimentos e intervenções psicoterápicas.

### *O Script*

O sentimento de rejeição faz com que o sujeito estabeleça metas e propostas de vida limitadas de acordo com sua visão interna e externa. Nesse sentido podemos considerar

que suas decisões e a formação do Script são baseadas nas percepções do meio introjetadas até o momento, se a criança se sentir Rejeitada, seu plano de vida pode ser fundamentado na Rejeição.

Berne(1988), afirma que toda pessoa possui um plano de vida pré-consciente, classificado por ele de *Script* de vida. São planejamentos estruturados por grandes períodos de tempo, podendo ser meses, anos ou até mesmo uma vida inteira. São comumente preenchidos com Atividades, Rituais, Passatempos e Jogos que façam cumprir seu *Script*, proporcionando satisfação imediata, que pode ser interrompida por períodos de isolamento ou acontecimentos de intimidade. São decisões tomadas na infância, a partir de ilusões e fantasias infantis, que poderão persistir por toda vida do sujeito.

O *Script* é construído a partir de várias forças e elementos. Uma vez tomada a decisão do que se acredita ser um direcionamento ideal para sua estória, o sujeito vive toda vida tentando fazê-lo acontecer.

Segundo Berne (1972), “A primeira programação de *Script* acontece durante a amamentação, na forma de breves Injunções que podem ser transformadas em complicados dramas no futuro”. (p 83).

De acordo com Berne (1988), existem os aparatos que são responsáveis por controlar e desenrolar o caminho do *Script* em direção ao seu destino que são classificados como Desfecho ou Maldição, Injunção ou Freador, Provocação ou *Come-on*, o *Antiscript* ou Liberação, *Slogans* do contra-*Script* ou Prescrição e os padrões de comportamento e instruções parentais que começam a tomar um posicionamento mais firme.

Berne (1988) classifica os desfechos que frequentemente aparecem na prática clínica como: ser um solitário, um vagabundo, ficar louco ou cair morto. A violência vem como um *Script* histológico, que é um tipo especial de desfecho, é diferente dos demais por ter como moeda a carne humana, o sangue e os ossos como forma de agressividade.

Na prática clínica é possível identificar alguns Desfechos diante do que é relatado pelos clientes, conforme fragmentos a seguir:

Durante a sessão de psicoterapia a cliente relata: “Quando eu era criança, meu pai dizia que eu era uma pessoa muito ruim e que iria terminar a vida sozinha”. Seus padrões de comportamentos de grosseria, agressividade e impulsividade fazem com que ela afaste de si os amigos, os familiares e o namorado. Tenta provar o tempo todo que é uma pessoa ruim e que deve ficar sozinha, não se considera digna do amor nem do respeito de ninguém.

Cliente relata que quando era criança ouvia do pai: “Você é um vagabundo, fica na rua jogando bola o dia inteiro, não quer nada da vida”. O cliente tinha o sonho de ser um grande jogador de futebol e era reconhecido em suas habilidades para tal. Foi contratado para jogar em um time famoso da cidade, quando estava próximo de alcançar suas metas, se boicotou com comportamentos de indisciplina que eram inaceitáveis no clube. Foi demitido, se voltou para o mundo do álcool e outras drogas e se tornou um morador de rua por muito tempo, tentando provar para o pai que era um vagabundo e não queria nada com a vida.

O cliente menciona que era o quarto filho, e o quarto homem, os pais desejavam muito ter uma menina, só descobriram o sexo no nascimento, ficando muito desapontados quando viram mais um filho homem. No nascimento a criança recebeu Injunções de não seja bem vindo. A mãe não conseguiu amamentar nem cuidar do filho terceirizando seus cuidados. A partir de Injunções de rejeição relatadas pelo cliente: “Deixe-o chorar, é manha, quando cansar de chorar ele cala”, o cliente incorporou em si uma inadequação, que o levou a ser um mentiroso compulsivo com a intenção de agradar e ser aceito pelos pais. Tal decisão o levou a loucura, por criar uma mentira, acreditar na sua mentira e vive-la.

Cliente alega que sua mãe dizia: “Você é uma burra, não sabe nem ler direito, é uma indisciplinada”. Cliente estudou obcecadamente durante muitos anos, deixou de lado a vida social, familiar e afetiva para estudar, quando estava terminando seu doutorado, enlouqueceu, disse que não conseguia mais ler. Saiu de casa durante uma crise de histeria, se embriagou e foi vítima de muita violência sexual.

De acordo com Berne (1988), o desfecho do *Script* é conferido ou decretado pelos progenitores, porém só terá efeito se for aceito pela criança. Acredita também que todas as pessoas são programadas de alguma forma desde a infância. Algumas pessoas

encontram autonomia por circunstâncias externas drásticas, outras por reorganização interna ou através do *Antiscript*, que é a inversão do *Script*, fazer exatamente o contrário do que é proposto, o que mantém a pessoa presa a uma programação da mesma forma. O grande diferencial nos padrões de comportamentos propostos pelas decisões do *Script* são as permissões, algumas pessoas têm mais permissões que outras, se prendendo menos ao seu *Script*.

## **Cultura**

Segundo a perspectiva de Maturana (2011), a cultura está relacionada com as conexões que fazemos em nossa vida cotidiana, são redes fechadas de conversações que constituem e definem a maneira como as pessoas vivem em suas redes de coordenações de emoções e ações.

Acredito que a cultura influencie na formação dos padrões de pensamento e comportamento, que são relativamente aprendidos de acordo com o que observamos e vivemos no meio social e familiar. Aprendemos a pensar e a se comportar de acordo com o que entendemos ser o melhor a ser feito para nos sentir pertencente ao meio em que vivemos. De acordo com a cultura a qual pertencemos, aprendemos a aceitar ou Rejeitar nossas necessidades.

Uma cultura é, constitutivamente, um sistema conservador fechado, que gera seus membros à medida que eles a realizam por meio de sua participação nas conversações que a constituem e definem. Daí se segue, também, que nenhuma ação e emoção particulares definem uma cultura, porque esta, como rede de conversações é uma configuração de coordenações de ações e emoções. (MATURANA, 2011, p33)

As diferenças culturais se baseiam pelas diferentes redes fechadas de conversações que são definidas pelas variadas formas de se comunicar e relacionar no meio familiar e social de acordo com seus membros.

Qualquer ser humano pode pertencer a diferentes culturas, dependendo do contexto em que ele está inserido em cada momento, das conversações em que está vivenciando. (MATURANA, 2011).

Uma cultura deixa de existir ou se modifica, quando há mudanças nas redes de conversações relacionadas ao emocionar, deixando de conservar as redes existentes e permitindo que surjam novas redes neurais e uma nova cultura.

### **Emoções e Sentimentos**

Damásio(2004), citado por Costa, Santos, Alves(2012) acredita que de acordo com a evolução biológica, há uma cadeia complexa de redes neurais, em que primeiro surgem as emoções e depois os sentimentos. Afirma ainda que as emoções são públicas, observáveis pelo outro, os sentimentos são privados, não perceptíveis pelo outro.

De acordo com as autoras acima citadas, Damásio relaciona as emoções como joias da regulação automática da vida. As emoções influenciam os apetites e vice-versa. O medo, a tristeza e o nojo inibem a fome e a atividade sexual. A satisfação das pulsões causa alegria e o bloqueio da satisfação das pulsões pode desencadear raiva, desespero e tristeza. (Costa, Santos e Alves 2012). As reações são automáticas, tendo como objetivo direta ou indiretamente equilibrar e manter a vida.

Os sentimentos são percepções interativas dentro do corpo, não se originam obrigatoriamente no estado real do corpo, sim no estado real dos mapas cerebrais que as regiões somatossensitivas constroem em cada momento. (Costa, Santos e Alves, 2012). O que leva a pensar que emoções relacionadas à insatisfação podem ser interpretadas e internalizadas automaticamente como sentimentos de Rejeição, de acordo com os mapas cerebrais construídos no momento da emoção.

### **As relações iniciais na vida do bebê e a internalização da comunicação.**

A maternidade é um momento singular carregado de mudanças e transformações na vida de uma mulher. Muitas mulheres ao engravidarem não têm consciência do profundo impacto que acontecerá em suas vidas. Nasce uma criança e junto com a criança, nasce uma mãe. Um misto de emoções e sentimentos, muita alegria e amor com

a chegada de uma nova vida, entretanto muitas tarefas e responsabilidades. Muitas mães criam grandes expectativas com a chegada do bebê, fazem planos, sonham, esperam, desejam e algumas vezes essas expectativas são frustradas, ocasionando um grande choque na relação da mãe com o bebê. As consequências dessas frustrações podem ser as mais variadas possíveis.

A forma como a mãe se envolve, transmite Injunções para o bebê no ato de amamentar, aceitando ou rejeitando sua necessidade naquele momento, tais mensagens poderão ser carregadas em sua memória subconsciente para outras interações no futuro consigo e com o meio, nas mais variadas relações. Os modelos e desordens da relação da mãe com o bebê formados em resposta à primeira infância se manifestam quando a criança começa a cuidar de sua própria criança interna.

Na ausência de uma linguagem verbal ou conhecimento concreto compartilhados da experiência subjetiva da criança, a mãe precisa depender exclusivamente de formas não verbais de comunicação, as quais requerem requinte da intuição e da sensibilidade para com seu filho (MATURANA,2011).

Estabelecer formas não verbais de questionamento, sintonia e envolvimento tornam-se os meios pelos quais a mãe começa a conhecer as necessidades relacionais de segurança, valor, aceitação, mutualidade, definição pessoal, ser impactado, ter o outro tomando iniciativa e amor, para estabelecer um vínculo seguro e promover um desenvolvimento saudável. (Erskine, Moursund & Trautmann,1999, citado por LIPTON 2007). Assim como o bebê olha para mãe em busca de segurança, validade, aceitação incondicional, a mãe também procura no bebê e nos outros a sua volta, garantia de que ela é validada, aceita e segura em seu novo papel como mãe.

Tal completude é notória no ato de amamentar, em que há uma interação entre a mãe e a criança, no qual a mãe pode ouvir sua intuição relacionada aos instintos maternos para realizar com satisfação os desejos e as necessidades do bebê, fortalecendo o vínculo afetivo entre eles. A dinâmica psíquica do bebê, o estado fusional mãe-bebê são um só, e é importante que assim o seja, um nutrindo o outro, a mãe nutre a criança através do alimento e o afeto, a criança nutre a mãe a partir da entrega, do reconhecer, do olhar. A amamentação sendo no seio ou não é um processo de suma importância, uma vez que seus reflexos, sejam positivos ou negativos, podem

ser sentidos por toda vida. As carícias são tão indispensáveis quanto o alimento para o desenvolvimento humano, ao nascer o bebê fica alienado a mãe, depende dela para sobreviver e desenvolver, a alimentação assume um papel decisivo na relação mãe-bebê, uma vez que ela tanto pode alienar a criança a mãe por uma total dependência, como pode separar, no caso de haver uma insatisfação, seja por aceitação ou rejeição a necessidade do bebê. O alimento proporciona uma satisfação prazerosa, tanto física quanto emocional, quando vem em conjunto com carinho, intimidade e interação, sendo que nessa fase a mãe é a principal fonte de satisfação da criança. É pela atitude materna que o bebê desenvolve sua visão de mundo se projetando ao meio externo.

Saber é fazer e fazer é saber. Porém, a ação e o comportamento surgem da operação da corporeidade do organismo, de acordo com sua estrutura no momento de sua ação ou conduta. E a estrutura de um organismo é, a cada instante, o presente de sua história biológica, num devir epigenético que começa com sua concepção. Por isso, ninguém pode agir ou comportar-se fora do domínio de possibilidades que sua corporeidade implica. O subconjunto dos atos e condutas possíveis que um organismo desenvolve de fato ao longo de sua história individual, depende de como ele vive essa história. Desse modo, uma criança necessariamente chegará a ser, em seu desenvolvimento, o ser humano que sua história de interações com sua mãe e os outros seres que a rodeiam permitir, dependendo de como sua corporeidade se transforme nessas interações. O ser humano que um humano chega a ser vai se constituindo ao longo da vida humana que ele vive (VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.124-125).

O bebê começa a captar as condições ambientais em que a mãe vive, dentro do ventre materno, possibilitando assim a adaptação e influências do meio externo conforme sejam percebidas pelo bebê, sendo positivas transmitidas pela interação de aceitação, afeto e cuidados, ou negativas, apresentadas por rejeição se baseando em negligências aos cuidados básicos como deficiência nutricional e emocional.

De acordo com os estudos de Bowlby (1997), o envolvimento emocional mais intenso, surge durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de relações de ligação. O autor descreve a formação de um vínculo como “apaixonar-se”, a manutenção do vínculo como “amar alguém” e a perda como “sofrer por alguém”. De forma que a ameaça de perder alguém gera ansiedade, a perda real gera tristeza, ambas situações são passíveis de produzir raiva. A manutenção estável de um vínculo afetivo é

sentida como fonte de segurança, a renovação de um vínculo, como fonte de muita satisfação.

Segundo Berne (1988) os seres humanos têm em seus genes determinações químicas de alguns padrões a serem seguidos e dos quais não sejam possíveis grandes alterações. Em consequência de bloqueios ou barreiras psicológicas de grandes ou pequenas proporções, poucos seres humanos conseguem desenvolver o auge de suas possibilidades. O âmbito em que uma criança é concebida se houve ou não um planejamento pelo casal, exerce grande influência nas decisões e escolhas que ela fará no decorrer da vida. Alguns pais desejam um determinado sexo para a criança com o intuito de dar continuidade ao *Script* familiar, como os pais não têm controle sobre tais escolhas e definições, em alguns casos ocorrem rejeições pela criança que não correspondeu às expectativas dos pais. Essas rejeições são transmitidas através de Injunções e manifestações inconscientes dos cuidadores que são facilmente captadas pela criança, que as carregam por toda vida.

Percebendo os fundamentos emocionais que são regidos pela cultura, podemos entender melhor e dar significado as influências emocionais que manifestamos em nossas ações e comportamentos.

Maturana (2011) acredita que todas as atividades humanas surgiram como conversações que são redes de coordenações comportamentais consensuais entrelaçadas com o emocionar. Sendo assim, o viver humano consiste na convivência, nas atividades e afazeres humanos a partir de conversações e redes de conversação. Uma cultura não se define por ações e emoções particulares, entretanto como uma rede de conversações, uma configuração de coordenações de ações e emoções. Aprendemos convivendo com a mãe e familiares que nos ensinam sem saber que o fazem assim nos inseriram numa cultura se adequando aos valores e ensinamentos tendo os como verdade absoluta.

Maturana (2011) acredita ainda que o fluir de nossas emoções, dos desejos, preferências, aversões, aspirações, intenções e escolhas, guiam nossas ações e transformações no decorrer da vida, de modo que essas ações pertençam a essa cultura, em todos os instantes de nossa existência. Nossas ações estão embasadas nas crenças de que estamos agindo da melhor forma possível, ou pelo menos como acreditamos ser o melhor a fazer. Tornamo-nos seres sociais a partir de nossa primeira infância, na intimidade da coexistência social com as mães ou cuidadores. O que nos leva a crer que quando a criança não experimenta uma relação de total confiança e aceitação nessa fase

da vida, não se desenvolve adequadamente como um ser social bem integrado. É a maneira em que se vive a infância, e a forma em que se passa da infância para a vida adulta, na relação com a vida adulta de cada cultura, que faz a diferença nas infâncias das diferentes culturas. Para tornar possível mudança cultural, primeiro é preciso que haja modificações nos aspectos do emocional.

Bertuol (2011) cita Berne trabalhando com a ideia de que o que acontece na comunicação entre duas pessoas, é de responsabilidades de ambas, uma vez que quem está falando tem a responsabilidade sobre sua fala, jamais pelo que o outro irá interpretar. A tradução da fala é de responsabilidade de quem ouve. Pensando em uma relação da mãe com o bebê entendemos a amplitude das interpretações que podem ocorrer na mente da criança, diante das comunicações verbais e não verbais que são emitidas pela mãe e outros cuidadores nas diversas manifestações.

Em uma dinâmica de total aceitação, mútua intimidade da criança com a mãe nas brincadeiras e interações corporais, surge a consciência individual e social da criança. A criança construirá sua história a partir da aceitação e das permissões que ela receber no decorrer de seu desenvolvimento.

A estrutura de um organismo é, a cada instante, o presente de sua história biológica, num devir epigenético que começa em sua concepção. Por isso ninguém pode agir ou comporta-se fora do domínio de possibilidades que sua corporeidade implica. (ZOLLER, 2011, p.124)

Parafraçando Maturana (2011), vivemos uma vida que desvaloriza a aceitação mútua. De modo inconsciente, aprendemos a ensinamos nossos filhos a não amar, embora o amor seja a convivência nas ações que constituem o outro como um legítimo outro em convivência conosco. Em consequência, muitas crianças crescem sem uma visão social de si mesmas, por não aprenderem a viver a aceitação mútua e plena como algo natural e espontâneo.

Os pais da atualidade têm tido um movimento de instrumentalizar as relações com os filhos, por estarem submissos diante das exigências culturais, que buscam uma alienação diante do produzir, de resultados. Os pais educam e orientam seus filhos para um futuro ser social, sem o propósito de viverem juntos em aceitação mútua e total. Esforçam-se para verem seus filhos como pessoas íntegras, felizes e responsáveis, um

desejo que muitas vezes é frustrado pelo desenvolvimento insuficiente da autoconsciência e consciência social. Situação essa de grande complexidade para esses filhos, que vêm seus pais com propósitos definidos para suas vidas. Alguns se adaptam e buscam alcançar os resultados esperados pelos pais, outros não, experimentando sentimentos de rejeição. O desenvolvimento da coexistência social, surge a partir de uma interação mútua de confiança, entrega, amor, validação, aceitação e auto-aceitação, por meio da intimidade da relação materno infantil. Para ter a capacidade de viver no amor é preciso que se tenha crescido no amor, e como resultado ter saúde física, mental e emocional. Pode se desenvolver também uma coexistência social no ódio, na indiferença, na desconfiança o que limita a vida social reforçando auto rejeição e rejeição pela vida e pelo outro, o que cessa a vida social.

Bowlby (1997) acredita que se a criança tiver um desenvolvimento favorável, ela crescerá consciente de que existe, em seu interior, impulsos contraditórios, porém ela tem condições de dirigi-los e controlá-los, e a ansiedade a culpa e as frustrações desencadeados serão suportáveis.

É possível identificar alguns padrões de pensamentos relatados por clientes que em algum momento da vida se sentiram rejeitados. Percebo que em alguns casos, os pais se dedicaram inteiramente aos filhos, agindo com a intenção de proporcionar lhes uma boa educação, no entanto nem sempre foram interpretados dessa forma pelos filhos que se sentiram rejeitados.

Quando o cliente diz "*Não tenho amigos, não confio em ninguém*", percebo nitidamente uma desconfiança alicerçada na relação materna, onde houve indiferença e desqualificação. Uma criança que desenvolveu seu senso crítico em um ambiente de ódio e rejeição.

Segundo Maturana (2011), o amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui no ser a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humano ou não.

A cliente relata "*minha mãe não me aceita, ela quer que eu seja o que ela gostaria de ter sido*". Questiono, e como sua mãe gostaria de ter sido e percebo grande frustração

profissional e afetiva da mãe em relação a suas escolhas. Agora se comporta de forma controladora, manipulando as escolhas da filha. Como forma de controlar exige obediência com argumentos racionais, indiferente em relação aos desejos da filha, conseguindo o quer por meio de ameaças. Percebo que a filha atende as exigências da mãe, embora com tristeza, rebeldia e revolta.

Criança ouve de seu cuidador mais próximo *"Se não se comportar assim te mato"*, logo depois de ter acompanhado várias mortes consecutivas de entes queridos, percebo que a criança se sente severamente ameaçada e começa a manifestar comportamentos manipuladores e controladores para ser aceito e defender a própria vida. A falta de confiança e o desejo de dominar o outro geram insensibilidade.

Cliente fala: *"não aceito a doença, não aceito estar adoecida"*. Percebo um padrão de pensamento ligado à rejeição, por rejeitar o adoecimento e necessidades de cuidado, ignorando sua existência com a intensão de que ele desapareça de sua vida. Se há resistência em si aceitar e amar haverá também bloqueio, relacionados ao processo da vida. É possível perceber que o cliente não assume as responsabilidades das próprias escolhas, culpando o outro e a vida pelas consequências negativas encontradas. Segundo Maturana(2011) A aceitação mútua interfere no processo de auto aceitação e auto respeito. A harmonia interna é alcançada vivendo uma vida de auto e hétero respeito.

Cliente diz: *"Minha esposa precisa mudar, assim não me serve."* Percebo uma falta de interação e respeito pelo jeito de ser e agir do outro. Fica claro que a aceitação mútua não ocorre como forma espontânea e sustentada de viver com o outro, como afirma Maturana(2011)

Devido à permanente atenção a resultados, envolvida na atitude produtiva, ela normalmente nos induz a não respeitar a legitimidade do presente de nossas relações e circunstâncias. Assim, vivemos numa contínua tendência a modifica-las, negando nossa identidade e a dos outros, num processo que desvirtua o que de fato é o cerne do humano: a convivência no respeito por si mesmo e pelo outro, que nasce da auto aceitação. (ZÖLLER, 2011, p. 142)

Algumas frases são recorrentes no vocabulário de clientes, como por exemplo: *"Não me sinto bem vinda em nenhum evento social ou familiar, parece que estou sempre atrapalhando alguma coisa"*. *"Ninguém se importa comigo"*. *"De que adianta viver, se não tenho nenhum valor para as pessoas"*. *"Tenho que fazer tudo sozinha, se eu não fizer ninguém mais fará"*. *"Fui injustiçada durante toda vida, minha irmã era a queridinha do papai"*. *"Eu mereço sofrer mesmo, não fui uma boa"*

*filha*". "Não vou ser feliz nunca, minha mãe gosta de me ver sofrendo". "Não me sinto pertencente a nenhum grupo, parece que estou vagando no mundo", "Não tenho problemas, eu sou o problema, tudo dá errado pra mim".

Maturana(2011) afirma que se uma criança cresce com uma boa consciência corporal, ela aceita a si mesmo e aos outros na práxis de uma dinâmica social que permite viver as diferentes dimensões de sua identidade cultural como possibilidade de conviver e interagir amigavelmente com os outros e não com limitações de seu ser. Segundo Schiff (1996) a parentalização deve proporcionar ao sujeito um crescimento saudável para a independência e maturidade. Os pais devem transmitir mensagens de cuidado aos filhos, fazendo com que se sintam importantes, proporcionando autonomia e a conscientização do valor de cada um. Ensinar os filhos a pensar, criar confiança na própria posição de Oqueidade e capacidade de solucionar conflitos, estabelecendo uma estrutura para conhecer e aprimorar os limites emocionais.

As circunstancias mais destrutivas que temos visto são aquelas em que um ou ambos os pais começam reprimindo os sentimentos e a criança nasce num clima onde a maior característica é a falta de realizações nos Estados de Ego da Criança dos pais. Isto vai resultar numa nutrição que será realizada a partir de uma posição não-Ok de uma programação parental (SCHIFF, 1996, p. 42)

English (1997) acredita que a criança registre constantemente em seus primeiros meses de vida "vibrações" carícias negativas ou positivas relacionadas a sua chegada ao mundo. Se receber uma mensagem geral de alegria, a criança se sente bem vinda à vida, introduzindo a injunção "venha para o mundo". Se receber uma mensagem de desapontamento ou tristeza, a criança não se sente bem vinda, introjetando a Injunção "Volte para onde veio". Pessoas que receberam uma mensagem de "Venha" trazem consigo a convicção de que a vida seja vantajosa, de que vale a pena viver o curso natural da vida, mesmo vivendo situações e momentos de escassez e estresse. Pessoas que sobreviveram as mensagens do "Vá Embora", marcado em sua chegada ao mundo podem agir com uma permissão limitada sobre o viver, atuando com uma fonte determinada para mostrar que independente de qualquer situação elas constantemente terão grandes aborrecimentos. Comumente são pessoas que aceleram hostilidade, raiva ou perigo no meio em que vivem.

“Eu sou assim mesmo, as coisas são assim mesmo”. Algumas pessoas acreditam em suas crenças e nos acontecimentos como verdades absolutas. Mudanças ocorrerão a partir de Redecisões no modo de falar, agir e pensar. Mudando padrões de pensamento e comportamento. Padrões estes que se estabelecem em circunstâncias destrutivas oriundos de repressões dos sentimentos e das necessidades dos filhos. Tendo como características a falta de reações nos Estados de Ego da Criança dos pais. (SCHIFF,1996)

Ouvindo os clientes, é possível identificar os primeiros registros de experiências que foram introjetadas em suas vidas, a partir daí encher de significados os acontecimentos e fatos atuais que são recorrentes em suas vidas, baseados em um Script de vida. Levando em consideração que na infância traçamos um plano de vida, e este fica registrado em nosso pré-consciente, em que Berne supõe que seja resultado das percepções e conclusões internas do sujeito, ou consequência de injunções, proibições e permissões passadas dos pais para os filhos.

De acordo com Lipton (2007), fomos presenteados pela evolução biológica e natural com a habilidade de absorver um número imensurável de comportamentos e crenças em nosso sistema de memória. Aprendemos muito por meio da observação, a repetir comportamentos, crenças e atitudes dos pais que são incorporados às redes sinápticas de nossa mente subconsciente, passando a fazer parte de nós, controlando nossa biologia por toda a vida. A não ser que procuremos maneiras de Redecidir e reprogramá-los.

Quando os pais ou cuidadores descuidados ou desprovidos de amor pelas crianças transmitem a elas mensagens negativas, nem sempre têm consciência de que as informações são arquivadas na mente subconsciente dos pequenos como verdades absolutas. Na primeira fase do desenvolvimento, as crianças ainda não desenvolveram uma consciência capaz de filtrar ou identificar essas afirmações como algo dito em um momento de desequilíbrio ou raiva dos pais, e que não são necessariamente características próprias das mesmas. O que acontece é que uma vez dentro da mente subconsciente, elas passam a serem verdades absolutas, que, inconscientemente moldam o comportamento e o potencial da criança por toda sua vida. A consciência é um órgão sensor, que se comporta como um espelho, refletindo o trabalho da comunidade celular no corpo. (LIPTON, 2007).

Ninguém senão você é dono de sua mente. Tanto as coisas boas como as ruins de nossa vida, são os resultados de padrões mentais que moldam nossas experiências. Todos temos muitos modelos de pensamentos que produzem experiências boas e positivas, e esses nos dão prazer. São os padrões de pensamentos negativos os responsáveis pelo desconforto, pelas experiências ruins que nos interessam agora. Queremos eliminar o mal de nossa vida para atingir a saúde perfeita. Para cada resultado que obtemos, existe um modelo mental que o precede e mantém. Portanto, modificando os padrões de pensamentos, podemos mudar nossas experiências. (HAY, 2014, p. 14,15).

Em meio a uma cultura Ocidental, em que pertencemos, agregamos nossa identidade ao produto de nossas atividades e aos resultados de nossas conquistas materiais, tornando indiferentes as necessidades internas e subjetivas do sujeito. Necessidades estas que são responsáveis pelo estado de bem estar físico, mental e emocional, trazendo satisfações e realizações internas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as teorias abordadas e com relatos observados em minha prática clínica, é possível perceber que o sentimento de Rejeição provavelmente começa a se delinear no início da vida, a partir da escassez da entrega e do envolvimento da mãe com os primeiros cuidados do bebê. Em que de fato foram transmitidas mensagens negativas de insegurança e desproteção ou foram interpretadas equivocadamente pela criança, que se sentiu rejeitada por situações desconhecidas ou despercebidas pela mãe.

É possível identificar distintas formas em que a criança manifesta e desenvolve seus sentimentos e escolhas diante de situações conflitivas e desajustes emocionais. O fato é que uma vez instalado, o indivíduo carrega esse sentimento por toda sua vida, englobando a Rejeição por si próprio, pelos outros, por situações desagradáveis e em alguns casos, até mesmo pela própria vida.

Em minha prática clínica, tenho realizado um trabalho que através da conscientização permite ao cliente rever seus padrões de pensamentos ligados à

Rejeição e buscar a partir de Permissões a criação de novas redes neurais capazes de abranger as conexões favoráveis à auto-aceitação e aceitação. A partir de novas conexões possibilitarem que o sujeito se aceite, esteja a seu favor, se valorize e lute pelo seu jeito de "Ser". Experimentando ser, sentir e fazer à sua própria maneira e estar presente contemplando a realidade de seus pensamentos e comportamentos tanto positivos quanto negativos, absorvendo-os em sua própria consciência. Considerando que uma vez os bloqueios sejam reconhecidos, vivenciados e aceitos, eles deixam de ter grande importância na vida do sujeito minimizando e modificando o significado.

#### REFERÊNCIAS

- BERNE, Eric.** (1972) *O que você diz depois de dizer Olá?* São Paulo: Nobel, 1988.
- BERTUOL, Márcia.** *Imagem do Ego e Protocolo do Script: A comunicação no início da vida.* *Revista Brasileira de Análise Transacional*, ano 21, n.1, abril 2011.
- BOWLBY, Jonh.** *Formação e Rompimentos dos Laços Afetivos.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CASALE, Franco.D.** *Ajuda-me a crescer.* São Paulo: Summus, 1985.
- COSTA, Jane; SANTOS, Bárbara; ALVES, Tânia.** *Das Emoções aos Sentimentos construindo um caminho com coração.* Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.
- ENGLISH, Fanita.** *Desenvolvimento dos subsistemas.* In: Barnes, Graham, Editor *Transactional Analysis After Eric Berne.* New York, 1977.

**GOULDING, Robert; GOULDING, Mary.** Injunções, Decisões e Redecisões. *Transactional Analysis Journal*, v.6,p.41-51,1976

**LIPTON, Bruce.** *A Biologia da crença*. São Paulo:Butterfly, 2007.

**MATURANA, Humberto.** *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997

**MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda.** *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2011.

**MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco.** *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 9.ed.São Paulo: Palas Athenas,2011.

**MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric.** *Desqualificação*. *Transactional Analysis Journal*, v.5,p.130-138,1975.

**RIBAS, Paes, Adriana F.** *Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel dos estudos transculturais*. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online] 2004,17( ): Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817304>>155N0102-7972 Acesso em: outubro 2015

**SCHIFF, J.L.** *Análise Transacional-Tratamento de psicoses – Leitura do Cathexis*. Apostila compilada pela UNAT – BRASIL,1996.